



## APRESENTAÇÃO

**Marcos Balieiro (DFL/UFS)**

Frequentemente, volumes sobre a relação entre filosofia e arte, costumam ter em vista um universo já bastante estudado de autores. Evidentemente, não há nada de errado com isso. Esse tipo de determinação é inevitável quando consideramos aquilo que normalmente se considera canônico em cursos de graduação e de pós-graduação sobre temas como esses, bem como os temas que tem atraído o interesse da maior parte dos especialistas. De qualquer modo, é natural que, com isso, sejam deixados de lado pensadores ou temas que mereceriam ser mais estudados, seja pelos pontos de vista originais que poderia suscitar, seja pela influência que exerceram sobre pensadores, esses sim, mais conhecidos.

Neste dossiê, o leitor encontrará justamente artigos que, se dizem respeito a autores já bastante estudados, frequentemente se concentram em aspectos de suas filosofias que normalmente não recebem, no âmbito da academia brasileira, toda a atenção que poderiam. No primeiro deles, Felipe Gustavo Soares da silvae Karl Heinz Efken interpretam a fala de Aristófanes no *Simpósio* de Platão considerando sua descrição da natureza humana a partir do famoso mito dos andróginos e as implicações do desejo (Eros) para a felicidade humana. Estranhamente, ao término da fala do comediante não há risos, provavelmente, porque o conteúdo falado foi um assunto sério que revelou a dimensão trágica de Eros para a vida humana.

O texto seguinte, de autoria de Laura Elizia Haubert e Klaus Penna Prellwitz, analisa como Platão, em seu *Filebo*, estabelece a mais antiga teoria sobre o riso preservada até os dias de hoje. Nela, o riso é elencado entre os prazeres mistos, ganhando acento profundamente moral.

No terceiro artigo, “Arte e verdade – entre o filósofo e o pintor”, Natália Acurcio Cardoso propõe uma abordagem inovadora da estética de Hegel, tentando esclarecer alguns de seus aspectos a partir das *Cartas a Theo*, escritas por Vincent Van Gogh. Pretende-se explicar, também, de que maneira as ideias hegelianas de autonomia e verdade ecoam nos textos de Van Gogh, ainda que, aparentemente, não tenha sido leitor de Hegel.

Em “O charlatanismo como problema estético na filosofia moderna”, Danilo Bilate procura, por meio de um estudo histórico da noção de charlatanismo na filosofia moderna, delimitar um campo semântico que desvela questões estéticas ou retóricas que dizem respeito à construção do texto acadêmico. Importa, a partir daí, verificar como um estilo pedante pode prejudicar o projeto humanista de compartilhamento de conhecimento.

O texto de Vladimir de Oliva Mota, intitulado “Arte e Política: uma leitura da obra voltairiana à luz de Jacques Rancière”, propõe, como o próprio título indica, uma reavaliação original da maneira como Voltaire concebe a relação entre arte e política à luz de categorias como “partilha do sensível”, “estética da política”, “política”, “polícia” e “dissenso”, tais como entendidas no pensamento de Rancière.

O dossiê inclui, também, duas traduções de textos que, apesar de bastante influentes, eram, ainda, inéditos em português. A primeira delas diz respeito ao primeiro dos oito discursos contidos no *Essai sur le Beau* de Yves-Marie André. Nesse texto, o autor apresenta o projeto de estudo do Belo que pretende desenvolver, discutindo-o tanto a partir da sua ideia quanto da sua apresentação sensível.

A segunda tradução é de “On the Supernatural in Poetry”, de Ann Radcliffe. Nesse pequeno texto, a autora parte de algumas considerações acerca de Shakespeare para estabelecer considerações, bastante influenciadas pela filosofia de Burke, sobre o que é necessário para que uma obra provoque em seu leitor a emoção chamada sublime.

As duas traduções trazem notas explicativas que colaboram para a compreensão dos textos e chamam a atenção do leitor para aspectos que talvez devam ser estudados em maior profundidade.